

DA OJERIZA AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO ATÉ A ADORAÇÃO DOS TELEVANGELISTAS: MUDANÇA DO ETHOS MUDIÁTICO ENTRE OS PENTECOSTAIS

Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa¹

RESUMO

Os pentecostais eram até relativamente bem pouco tempo na história proibidos de ver televisão, jornal ou outra comunicação, em meados dos anos 80, a partir da década de 1990 começaram a ficar adeptos dos meios de comunicação. Hoje estão extremamente inseridos na cultura midiática de modo a formar prosélitos e interferir em opiniões políticas. Esse trabalho quer contar a história de um modo crítico. Foi usado como metodologia a análise bibliográfica de inspiração antropológica e o resultado é que houve grande mudança no modo de tratar a mídia.

Palavras-chave: Pentecostalismo; Mídia; História cultural; Antropologia da religião.

1 Antropólogo formado pela UNESP, mestre em filosofia também pela UNESP, doutor em ciências da Religião pela Universidade Metodista, doutorando Cnpq pela UNESP em ciências sociais. Atualmente professor de antropologia da UNESP.

FROM THE HATE OF THE MEDIA TO THE ADORATION OF THE TELEVANGELISTS: CHANGE OF THE MEDIA ETHOS AMONG THE PENTECOSTALS

ABSTRACT

Pentecostals were for a short time in history forbidden to watch television, newspaper or other communication in the mid-1980s, from the 1990s began to become media adepts. Today they are deeply embedded in media culture in order to train proselytes and interfere with political opinions. This work wants to tell the story in a critical way. The bibliographic analysis was used as methodology and the result is that there was a great change in the way the media were treated. It is a mixed analysis of history and anthropology.

Keywords: Pentecostalism; Media; Cultic history; Anthropology of religion.

A contemporaneidade, caracterizada pelo mercado financeiro fetichista da mercadoria (MARCUSE, 1967), informações e globalização capitalistas, torna acessível uma diversidade cultural líquida à disposição dos sujeitos, o que rompe com antigos referenciais de vida e cria incertezas a respeito do significado das coisas.

Apesar de haver pentecostalismos, o Assembleiano, fiel pertencente a maior igreja pentecostal do mundo: as Assembleias de Deus (AD), a é um tipo em extinção, seria a construção de um tipo ideal Weberiano. É aquele que se afasta do mundo, no seu ascetismo intramundano. A imagem do senso comum, o crente de terno e gravata, em pleno calor do Rio de Janeiro com bíblia debaixo do braço, ou a Irmã de saias e cabelos

compridos ainda existem, porém isso tem mudado. Primeiramente tal identidade significava existir fora do mundo moderno, sem vaidade, sem participar do capitalismo, sem televisão, sem participar de esportes em um semi-isolamento psico-espiritual. Essa identidade tem relação com uma memória histórica que se encontra em plena extinção. Mas é essa identidade, esse tipo ideal a que me refiro nesse trabalho, o que se denomina de pentecostalismo tradicional.

Nosso tipo ideal ainda existe, porém ao lado dele, dentro das assembleias de Deus (AD's), também está o jovem com "dreads" no cabelo, a mulher de cabelo curto, a jovem toda tatuada e com piercings. Todos adorando a Deus, erguendo os braços, falando expressões como "glória a Deus", se emocionando, orando uns pelos outros, profetizando, falando em línguas estranhas e chorando, rindo e cantando ao som do mesmo louvor.

Hoje em dia se fala em pentecostalismos e assembleianismos, no plural. Em especial a pesquisa de Alencar (2013) que afirma suas "identidades irreversivelmente fracionadas em divergências internas", gerando os assembleianismos urbano, rural, difuso e autônomo, clássico, pois como deixa claro em sua introdução:

Não se trata, assim, de uma igreja, mas de diversas, distintas, concorrentes e divergentes entre si, muito parecidas com o país onde nasceram, cresceram e se consolidaram. Portanto, Assembleias Brasileiras de Deus". (idem, introdução, s/p)

Assim vai assumindo como configuração própria da cultura do Brasil uma configuração cultural que per si, já é mutante e diversa, difícil de compreender (RIBEIRO, 1996). Marcada pela pluralidade e complexidade, a história pentecostal brasileira nunca apresentou uma só matriz histórica. Sendo uma igreja fundada por suecos, extrapola o ethos europeu se torna uma igreja sueca com jeitinho Brasileiro. Esse "jeitinho" já

trabalhado por Da Matta(2008) quer dizer que tem certa facilidade para extrapolar certas regras impostas pelos seus fundadores e adaptá-las a certos gostos e maneiras já apontados por Alencar (2013).

1. Adaptação e conflitos

Os missionários suecos que antes passaram pela famosa rua Asuza em Los Angeles CA-EUA, donde já vieram carregados da influência pentecostal. Na rua Azusa. Nos Estados Unidos havia sido plantada a semente do movimento pentecostal no século XX dois lugares chamam a atenção: A escola Bíblica Betel em Topeka (Kansas), em 1901, e um antigo templo metodista em Azusa Street, Los Angeles. A localização geográfica não é ocasional. Ela revela o contexto não somente religioso, mas também mais geralmente sociocultural que marca o pentecostalismo moderno.

Charles Fox Parham (1873-1929), funda sua escola bíblica na cidade de Topeka, Kansas, onde ensinava a glossolalia – falar em línguas desconhecidas ou estrangeiras que seria o primeiro sinal da manifestação do batismo no Espírito Santo tão popular nos círculos *holiness*. Um garçom negro, que trabalhava para Parham, ouvia suas lições do lado de fora do salão, ele era William Joseph Seymour e aceitava ensinamentos que eram bem diferentes do protestantismo tradicional no que se refere a manifestações espirituais. Algum tempo depois foi convidado para visitar uma igreja batista de negros, pois era forte o segregacionismo ao sul dos EUA, em Los Angeles, nessa igreja ele conseguiu alguns adeptos da teologia pentecostal que era caracterizada com frequência manifestações físico-religiosas com lamentos, quedas no chão, glossolalia, profecias e contorções. (HOLLENWEGUER, 1976).

Não é intenção desse trabalho expressar as fontes históricas do pentecostalismo que já é bem descrita são bem descritas em vários livros indicados nas referências com muito mais competência do que o autor

poderia fazer, embora de quando em vez vá referenciar suas fontes históricas.

Apesar de ter sido fundada por estrangeiros, A AD apresenta intensa adequação à cultura brasileira (ALENCAR, 2013). Assume com facilidade os complexos jeitos de ser e de fazer do brasileiro (ALENCAR, 2013). É uma igreja que nasce sem pretensão de institucionalização e de multiformes ideários que variam de congregação para congregação.

Decididos a não se entregarem demonizavam os deuteropentecostais² e assim reforçavam os ideários de vestimenta santa mais típica do meio rural. Conservavam os costumes morais rígidos e impunham grande controle social aos seus membros.

Uma das melhores e mais sóbrias descrições, que já foram confirmadas por vários pastores, e membros da AD's está no livro de Ricardo Mariano ao entrevistar e analisar da fala do pastor Paulo Romeiro: "usos e costumes também variam, esse que é o problema. Mesmo em termos de Assembleia de Deus, depende do líder local" (MARIANO, 2010, p.205). Ou seja, cada comunidade vai ter seus próprios costumes, que estão em mutação, já não aquele visual único que existia.

Aquele visual típico de senso comum iniciou tipicamente, em uma identificação rural, pois segundo Passos (2000), reconfirmado por Alencar (2013) e Emilio Conde (2011) afirmam que a cultura rural teve tremendo impacto sobre a formação da identidade visual assembleiana.

Ao passar do rural para o urbano a mensagem tinha de ser única e o visual também, era um modo de se colocar e se defender da modernidade

2 São as igrejas que surgem já adaptadas as às diversas mudanças culturais que provêm do processo de urbanização e de certo rompimento que o tradicionalismo moral típico das igrejas pentecostais traziam desde sua influencia influência rural e puritana. A outra vertente do ramo pentecostal, que começou a surgir nas décadas de 70 e 80 é o neopentecostalismo. Sua característica principal, que a diferencia das clássicas, além dos dons de cura, falar em línguas que é tipicamente do pentecostalismo, é a ênfase na teologia da prosperidade. Ambas romperam com os laços diacríticos dos pentecostais tradicionais.

agressiva da cidade. Nesse redemoinho de transformações intensas e permanentes, a mensagem pentecostal entra em cena como estratégia de solução e significação da passagem, determinando os limites dentro do grande espaço sem limites, restabelecendo os laços de proximidade, compondo sentidos gerais e resistindo ou negociando com o novo.

Era um meio de se identificar moral e visualmente, um meio de certo modo de manter a pureza e a decência em uma urbanização moderna, uma reação à modernização que se demonstrava como turbilhão na cidade. As mudanças que ocorreram no Brasil a partir dos processos de industrialização, urbanização e, tiveram consequências radicais sobre as relações campo-cidade, em especial sobre os migrantes que encontravam novos espaços e modos de ser e fazer, resultando em novas dinâmicas (econômicas, sociais, culturais e políticos) e com certas incertezas. A mensagem pentecostal trazia em uma linguagem popular e simples, certas explicações e certezas de como o mundo funciona, oferecia uma base sólida em meio a um caos.

2. Do rural para o urbano

O meio rural em ao entrar em crise provocada pela industrialização no Brasil, dá lugar a migração urbana que dá novo significado a todos que mudam nesse ambiente, o pentecostal vai ser afetado *sui generis* nessa mudança. A crise do meio rural é bem apontada por Martins (2008) nesse Brasil que aceita uma desordenada, tardia e repentina modernização que culmina em uma igualmente desordenada urbanização.

As massas rurais migradas às periferias urbanas passaram por crises em suas compreensões de mundo, formas de sobrevivência, quebra dos sonhos e os abalos emocionais deixaram (deixam) os indivíduos anônimos em busca de estabilidade referencial. As balizas simbólicas das origens interioranas não mais respondem à nova situação emergente da

metrópole caótica. As crenças e significados trazidos em seu imaginário não transmitem referenciais condizentes aos riscos de identidade e sobrevivência do indivíduo e coletividade. É dentro desta erosão humana, em território estranho que o indivíduo que trouxe em si uma bagagem de crença vai recorrer ao socorro das forças sobrenaturais na esperança de alternativas ao túnel do caos amedrontante (DELUMEAU,1978).

Na instabilidade humana e social, o perfil diferenciado da igreja pentecostal com sua agregação solidária será a âncora, perante a avalanche de quebra de referenciais à existência do indivíduo. Era também um meio de se igualar dentre irmãos tendo um único padrão de vestimentas, em uma igreja que antes procurava a institucionalização (ALENCAR, 2013) e a padronização, se vestir parecido seria importante. Era um jeito estético de ser igual aos irmãos e diferente do mundo ao entorno.

As similitudes assembleianas com a cultura e moral rural são imensas, no meio rural não há, ao menos no discurso, liberdade sexual fora da monogamia, não se aceita experiência sexual, antes do casamento (lembro novamente ao menos do discurso comum); moça honrada vai para o leito nupcial virgem, assim como no discurso Assembleiano. No meio rural a pessoa que bebe não vai trabalhar direito no dia seguinte – embora o controle sobre a bebida tenha fontes desde a escravidão – ficando mal-afamada pois não contribui com o grupo, assim é mal vista. No pentecostalismo a bebida alcóolica é proibida. As vestimentas de uma mulher de bem são compridas e não podem mostrar o corpo, a de um homem de bem em público é terno e gravata. A sensualidade é mal vista. Assim esses valores são trazidos ao grupo e há uma divisão entre ser do bem e ser mundano. Apesar de serem valores que se remetem ao final do século XIX do Brasil rural, no meio pentecostal esse moralismo é constantemente evocado entre os fieis.

Na comunidade rural, o que Ribeiro (1996), chama de Brasil caipira, vão acontecer laços de solidariedade e irmandade na comunidade que vão afetar e caracterizar profundamente o modo de ser pentecostal. Essa

expressão se manifesta numa rede de amizade e ao mesmo tempo de controle sobre a vida de cada membro da comunidade de bairro rural. Assim vai ser herdado no meio pentecostal a noção de irmandade e de controle sobre o outro. Essa noção, de controle sobre o outro vai permear a vida do pentecostal de modo negativo. Qualquer um que sair do ideal de santidade³ pode sofrer consequências e, embora o discurso cristão seja de perdão dos pecados, o meio pentecostal pode excluir da comunidade aquele que transgredir seus rígidos valores morais.

Esses valores são sendo transmitidos como referenciais do que é ser bom ou ser mal, do que é ser salvo ou não, e são evocadas através da história como exemplos antigos de valor moral. Ao vir para a cidade, a sedução de rompimento com esses valores demonstrou-se sedutora especialmente aos jovens. Porém agora já havia uma instituição para melhor controle dessa moral, daí talvez o rígido controle sobre os membros como aponta Correia (2013). Esse modo de fazer controle sobre o comportamento moral/sexual de seus membros carregado de institucionalização e talvez seja uma tentativa paternalista, no sentido mais autoritário e machista de tentativa e preservação da própria identidade.

O Assembleiano muitas vezes acusado de retrógrado, estava imerso em uma irmandade coletiva, muito mais influente que a própria instituição assembleiana, em meio a uma mudança radical que o meio urbano apresenta ao modo de vida antes rural.

3 Que é o rígido padrão de comportamento moral que foi herdado do meio rural. O mundo moderno para o Assembleiano se constitui em uma crise e a rígida manutenção dos seus valores é uma reação a isso, uma forma de proteger-se contra algo desconhecido que são os valores contemporâneos. Desse modo procura uma forma de ser e agir no mundo, que por vezes pode ser retrograda, mas consistente com uma identidade em formação. Sua identidade é ligada a sua convicção religiosa de santidade, a qual entende ser separação do mundo. Seu modo de ser e sua identidade constitui-se em santidade a qual argumenta ser separação do mundo e dos desejos do mundo. É assim que se definem como separados dos desejos mundanos.

Martins se refere a à dificuldade de adaptação do trabalhador rural que vem para o meio urbano:

o caipira se reapropia - se das tradições de suas origens pré-modernas para enfrentar a privação de história e de compreensão plena que lhe impõe a modernidade que o minimiza e coisifica. Adere, resistindo, para viver e vencer a seu modo o mal-estar da sociedade da incerteza. (MARTINS, 2008, p.14).

Assim passa a ressignificar tudo, a não aceitar tudo de modo dado e assim, nesse sentido, pode começar a nascer o germe que vai culminar nas diversas e complexas mudanças e configurações pentecostais e assembleianas, na sua chegada na cidade. E assim constitui os modos de ser e de fazer das ADs Brasileiras.

Sendo um produto e uma reação à modernidade o pentecostalismo assim como outras identidades culturais não são rígidas e sim fluídas. Há sempre uma busca pelos processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de diversas configurações (SANTOS, 1997).

Vários fatores contribuíram para a expansão das ADs no Brasil, primeiramente a propagação do mito fundante, baseado na santidade e iluminação do Espírito Santo que supostamente se revelara aos dois missionários suecos. Depois uma abertura para uma teologia mais popular do que o rígido rigor católico e os meios estrangeiros das protestantes históricas.

A mensagem assembleiana oferecia algo que as igrejas históricas protestantes e católica não faziam: uma oportunidade do homem pobre iletrado e simples de um fuga dos sofrimentos desse mundo. Enquanto a mensagem católica pregava a conformação aos sofrimentos, e a

protestante pregava a salvação, a pentecostal ia além, dava a valorização de uma pessoa pobre e iletrada ter contato direto com Deus através do Espírito Santo. Tal teologia afirmava que Deus se preocupava com seu sofrimento diário e cotidiano, como por exemplo, com a falta de emprego da pessoa que ouvia, e não só da coletividade, do filho que fora preso, do marido que abandonara o lar e assim por diante.

Outro fator importante foi o crescimento da indústria ferroviária, que possibilitava o espraiamento da mensagem. Com a inauguração da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, várias pessoas adeptas do pentecostalismo puderam pregar essa nova forma de religião. Conhecida como ferrovia da morte (morreram cerca de 6000 trabalhadores) a própria construção da ferrovia era um campo a ser explorado. Sem religião em meio a um campo distante, com trabalhadores iletrados, vários deles eram pentecostais e aproveitaram a falta de religiosidade e a difícil condição da construção de ferrovia para oferecer conforto espiritual as massas de trabalhadores.

Na década de 1990 a ADs dá um ambicioso passo para evangelizar o Brasil, firmes na crença de que o apocalipse iria acontecer em 2000 (sem fundamentação teológica coerente, algo típico do pentecostalismo), iniciado pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) o Projeto Década da Colheita. Era um projeto assim definido por Marin (2014. p. 450):

José Wellington Bezerra da Costa, como presidente da CGADB, assumiu o compromisso de viabilizar cinco metas, que abrangiam diferentes áreas e que foram previstas pelo Comitê Mundial. A primeira era criar uma rede de orações, com três milhões de brasileiros pelo êxito da Década da Colheita; a segunda, iniciar o ano de 1990 com uma ofensiva que se propunha a evangelizar o Brasil, utilizando-se de meios diversificados, tais como a televisão, o rádio, os

jornais, os folhetos, as praças, o telefone, as visitas às residências e aos hospitais e o envio de missionários para regiões onde a Igreja não estava presente. O objetivo era alcançar, até o ano 2000, 50 milhões de membros.

Esse projeto foi talvez o mais influente e responsável pelo crescimento da igreja que colhe frutos até o último CENSO-2010, é talvez uma das poucas possibilidades que a instituição influi grandemente sobre os féis, pois lhes foi colocada uma vontade missionária, algo que antes não existia. Foi fundamental para a mudança da identidade fiel pois trouxe consigo a permissão para ver televisão e flexibilização das doutrinas e costumes em vestimentas (MARIN, 2014). Esta decisão per si possibilitou o crescimento dos membros que estava em declínio durante a década de 1980 (MARIANO, 1999).

Ainda afirma Marin que o sucesso da Década da Colheita foi projeto de alguns líderes da CGADB, que ainda sem unanimidade :

...defendiam a crença que os membros da Igreja deveriam ser felizes, saudáveis, prósperos, vitoriosos nos seus empreendimentos e rejeitavam a santidade tradicional defendida pela rigidez dos usos e costumes. Essas mudanças também procuravam romper com o ascetismo tipificado nos estereótipos pelos quais eram reconhecidos e estigmatizados pela sociedade (MARIN, 2014 p. 456).

Ser e assumir um discurso vitorioso numa sociedade que impõe derrotas aos pobres faz uma considerável diferença na psique e na construção simbólica do mundo feita pelo crente. Vitória aqui que antes era espiritual e se referia à vitória de Cristo na cruz que pode derrotar doenças, mortes, dificuldades e dar conforto, logo é transformado em vitória nos negócios e finanças.

Não é só uma absorção de um discurso, passa a ser uma linguagem, digo, o crente passa a referenciar seu mundo numa esperança e numa certeza da vitória sobre os males, mas sabe que terá aflições acreditando numa interpretação particular do que está escrito em João 16:33⁴, e que através da crença de Jesus podem vencer todas as suas dificuldades. Assim reformula o mundo através da linguagem: “A linguagem é a primeira tentativa do homem para articular o mundo. Esta tendência é uma das características fundamentais da linguagem” (CASSIRER, 1977).

A leitura pentecostal é literal e oral, não há uma teologia segundo os grandes manuais e escolas de teologia, mas sim talvez uma teologia oral e narrativa, espontânea, que passa longe da academia. É uma religião popular no sentido que Brandão (1992) estuda, que muda e se transmuta conforme o tempo.

A mídia também muda o modo de como a igreja se relaciona com o seu fiel e vice versa. Santos Correa afirma: “A relação que é criada através da mídia social, oferece exatamente a associação que se busca no espaço público (SANTOS CORREA, 2000, p.87)”, assim o fiel antes negado no espaço público pela discrepância econômica, o encontra na igreja, na mídia social em vários espaços, este começa a aparecer e a gostar disso, o sentimento de humildade cristão vai sumindo, e criando novas relações sociais dentro do grupo religioso que muda cada vez mais as igrejas.

3. O capital

A mensagem da teologia da prosperidade muda a estrutura organizacional da igreja. É o surgimento de uma comunidade religiosa, que é de consumo de bens, e de um sentido de pertença, onde há uma reunião simbólica de interesses a partir de um encurtamento da distância através da

4 João 16:33 — no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo

mídia em influenciar suas teologias e práticas tradicionais mesmo entre os pentecostais tradicionais. Aliado a isso, há um medo da perda de fiéis por parte da liderança dessas igrejas então permitem certas mudanças que devem ser cuidadosamente estudadas, a fim de direcionar o estudo do campo religioso brasileiro atual.

Não procura uma teologia explicativa, pois não questiona ou interpreta a vontade de Deus, simplesmente o pentecostal aceita aquilo que é sua vontade. Vontade essa infelizmente e cada vez mais pervertida por homens que se dizem santos porta-vozes de Deus.

Assim, se constrói e produz a religião da espiritualidade do mercado. Assim nasce uma corrente do pentecostalismo clássico: o neo-pentecostalismo, adepto da teologia da prosperidade encara o mercado e o luxo como bênçãos divinas muito além do que a ética calvinista apontada por Weber (2003), na ética calvinista podia-se acumular mas não podia gastar o dinheiro com futilidades, no neopentecostalismo demonstrar luxo ostensivo e riqueza são considerados sinais da bênção divina. Tal religião promete felicidade a todos os que a consomem. Essa promessa falha fragorosamente, uma vez que poucos têm o poder de ter tudo o que se apresenta para consumo.

As mercadorias têm status divinos e de bênçãos. A elas se adjudicam características salvíficas. É no contanto com o novo sagrado que surge uma nova ética de ser, a da competição e concorrência no mercado, seu semelhante passa a ser visto como concorrente. A mística que move as pessoas no capitalismo é ganhar dinheiro para ganhar mais dinheiro; comprar mais, comprar mais para consumir mais e mais. É no poder de consumo, que se mede o caráter de uma pessoa segundo essa lógica. O ser humano é medido em Ter e não em Ser.

Percebendo essa crise, sobretudo através dos novos meios de comunicação que ameaçavam seus valores rurais, retrógos e de santidade frente os beijos mostrados nos cinemas e nas telenovelas houve uma certa aversão pela televisão e pelo cinema. No início das AD, havia um

grande embate sobre o uso ou não uso de rádio e televisão. Alencar (2013) vai mostrar o embate que se segue primeiramente entre Gunnar Vingren, fundador sueco da AD e os pastores brasileiros.

Em carta ao Mensageiro da Paz (MP) jornal de grande circulação entre AD numero 18, Vingren defende o evangelismo por uso de rádio, mas os pastores brasileiros têm outra opinião, também demonstrado no MP. Dotados de uma visão moralizante, e que segundo o senso comum que o rádio e a televisão eram coisas pornográficas, os nordestinos após assumirem o poder das CGADB em 1930, decidem por proibir o rádio e a televisão. Assim a CGADB decide proibir o rádio até 1937, quando influenciados pelo missionário Anthony Wildmer, Missionário norte americano em visita ao Brasil decidem por unanimidade aceitar a evangelização pela rádio (DANIEL et al, 2004) e conseqüentemente a sua aquisição pelos membros.

Os pentecostais tradicionais demonizavam a televisão (CAMPOS JR, 2012) até ocorrer dois fatores: influência e o sucesso dos televangelistas⁵ nos anos 1970, os mais famosos são americanos⁶ tais Billy Graham, Pat Robertson e Rex Humbard. Ao ver o uso “santo” que poderia ter a televisão ela passou a ser mais ou menos aceita culturalmente e conforme o poder de compra fosse subindo a partir de 1980. Era comum os relatos de que Assembleianos tinham o aparelho televisor dentro do armário do quarto escondido das visitas e a bíblia aberta na sala. Alencar (2013) afirma também a luta que foi a liberalização da televisão, proibida desde 1967 só liberada, mas com restrições, em 1994 pela CGADB.

Há de se considerar o crescente acesso econômico para a televisão, ficava fácil demonizar algo que não tinha acesso, desde 1990 ficou

5 Televangelista é um pregador que usa a televisão, em canais que atingem um grande número de telespectadores.

6 As ADs sempre respeitaram e admiraram como mensageiros de Deus os missionários americanos.

permitted to television for as long as one avoided programs of nudity or indecent, stimulating only religious programs and news. Today, because of these phenomena, television is permitted, so much so that the following example of testimony is given: the Assemblies of God used to give testimonies⁷ from the pulpit – “brothers, Jesus saved me and I bought a television”; today the Assemblies of God give testimonies – “brothers, Jesus blessed me and I bought three televisions”.

Evidently the greater access to media, television introduced new ideas previously unthinkable for young people, such as access to fashion, ideals of beauty, which although manipulable by a cultural industry of interests, opened new choices for those belonging to the Assemblies of God in their self-image (MIRA, 2003). In addition, access to the computer and the internet, brought a tremendous possibility of informational communication to the Pentecostal world (CAMPOS JR,) in that which refers to the oppression traditionally exercised over young people of the AD's brought a freedom of exchange of ideas and conversations for young believers previously impossible and restricted to their circle of friends.

Brought various ideas previously totally impossible beyond the standard of beauty imposed by the media, brought also the idea of introduction into the labor market and ideals of financial independence brought by capitalism. Thus the aesthetic standard changes with the influence of the means of communication and access to the market. Today the Assemblies of God woman follows certain beauty customs presented in the television media, comments on the novel and how the protagonist was dressed (something before 1990 impossible). The faithful now with access to TV and newspapers, begins to develop a greater willingness to political participation.

Along with the aesthetic standard, the mentality changes, assuming the post-modernity and its characteristics, of a mentality of

7 Testimonies are opportunities for people who are not preachers to share their religious experiences.

ascetismo intra-mundano, assume uma mentalidade de estar no mundo, de uma identidade austera e de negação do luxo e consumo, passa-se a uma mentalidade de consumo, por uma proibição de passa-se à um individualismo típico da pós-modernidade (BAUMAN,2001) e assim as ADs vão mudando.

Havia certo orgulho na AD em ser pobre, iletrado, simples, pois havia a crença de que o senhor revelava ao simples os seus mistérios baseados numa interpretação do que está escrito no evangelho de Mateus 11:25⁸. Sempre houve ojeriza à riqueza, sobretudo a ostensiva, houve ojeriza à política (ROLIM, 1985), hoje há cada vez mais envolvimento. Porém isso tem mudado, o motivo principal é que igrejas neopentecostais, mas que têm o nome de assembleia de Deus na porta, têm entrado em contato com grande maquinário midiático nas igrejas pentecostais tradicionais. O discurso neopentecostal é sedutor, pois prega que o crente, antes pobre, pode e deve ficar rico. É uma consequência da contemporaneidade a sedução pelo luxo e pelo consumo (JAMESON, 1985).

O pesquisador Nanez (2007), denuncia que em nome de se autoproclamar como simples, os pentecostais especialmente na América Latina tinham aversão às riquezas e olhavam com desconfiança os ricos. A vida do fiel, nesse contexto deveria ser mais para adoração que para o trabalho, sendo às vezes o trabalho se aproximando da visão católica como uma necessidade inevitável. O controle chegava às relações conjugais na qual a mulher era proibida de trabalhar nas ADs (FONSECA; MARIN; NASCIMENTO DE FARIAS, 2010), a condição de pobre e iletrado era, e ainda é de certo modo muito valorizada.

Cada vez mais há uma recuperação do espírito capitalista, o discurso neopentecostal é aceito cada vez mais pelas igrejas tradicionais, isso faz

8 Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos simples. Mateus 11:25

perder aquela identidade original, como não está imune às influências da pós-modernidade, sofre também certa uniformização dos gostos e de discurso comum dessa era (LIPOVETSKY, 2009).

Do orgulho de se ter um templo humilde, feito de taipa ou madeira, hoje há os “templos-shoppings” (ALENCAR, 2013). Para mostrar uma luxuosidade que já entrou por completo as igrejas neopentecostais e agora chega a uma velocidade alarmante as pentecostais.

Porém o templo humilde de periferia ainda é maioria, melhor dizer, a maioria dos fiéis não se encontra nos “templos-shoppings”, e sim ainda nos templos humildes de periferia. Em que proporção? Digamos um empate técnico, Alencar (2013) analisando os números de fiéis brasileiros das ADs, mostra que em 2010, a grande maioria dos pentecostais tradicionais ainda se localizava nas periferias, de 12,3 milhões (CENSO, 2010) de membros, 7,7 milhões se encontram espalhados nas pequenas igrejas de periferia. Lá não há o espírito do capitalismo, mas o discurso invasivo logo o ethos mudará. Junto com o aumento do poder de compra de televisão, rádio e computador das periferias brasileiras, chega pela máquina comunicacional o discurso da teologia da prosperidade. É um discurso sedutor, pois promete, como num ato metafísico acabar com o que o habitante da periferia mais teme nessa contemporaneidade consumista: a pobreza.

Na pentecostalidade das periferias ainda há um grande ascetismo, que chamamos de ascetismo comportamental brasileiro, esse afeta toda a identidade do fiel. Afeta sua fala, passa a se comunicar com palavras bíblicas e jargões como varão (se referindo aos irmãos homens), benção (para todos acontecimentos bons), prova(para acontecimento ruins), paz do Senhor (para cumprimentar). Mudam seus referenciais, crê que tudo que acontece na vida é permitido por Deus ou tentação do diabo. Não há separação da vida profissional da espiritual, o trabalho e oportunidades são dados por Deus para garantir sua sobrevivência, e assume sua identidade no trabalho.

E para o que nos interessa na presente pesquisa muda seu senso estético de vestimenta, passa a usar o que é considerado roupas decentes, mulher só pode usar saia, homem só pode usar camisa de botões e no culto o terno é obrigatório não importa o calor, homem não pode usar barba em cabelo comprido, mulher não pode depilar-se nem ter cabelos curtos, mesmo com a mudança em alguns ministérios vindo da presidência como é o caso da AD ministério Madureira, nos templos de periferia é raríssimo ver alguém fora desses trajes, para o pentecostal a crença está acima da instituição.

Sobre essa restrição:

Esse ascetismo reacionário ainda sobrevive em alguns círculos na forma de tabus comunais sobre álcool, tabaco, teatro, dança, jogos, roupas elegantes, cosméticos e itens similares. Talvez tenha havido, e haja, boas razões para tais abstinências, em se tratando de decisão pessoal, mas tabus comunais tendem a entorpecer a consciência, em vez de avivá-la... O mundanismo foi definido em termos de quebras de tabus, e identificações de consequências mais amplas com os pecados da sociedade passaram despercebidas... O pietismo pós-moderno separa o mundo em vez de estudá-lo e procurar mudá-lo; é hostil ao prazer, em vez de agradecido por ele, temeroso de que o mundo adentre nossos corações montado nas costas do prazer. (NICODEMUS, 2008, p.152)

Assim na assembleia de Deus os comportamentos mudam ou morrem, são constantemente recriados e absorvidos. Assim mudanças muito rápidas ocorrem. Se antes era proibida a Televisão, o maior mito é o maior televangelista. Ainda hoje nas ADs existe é mais reconhecido Billy Graham (um grande televangelista) como maior pregador do que qualquer fundador da AD. Se antes era profano mexer com política hoje é permitido,

tudo isso é mudado através de discursos míticos que são adaptados e reorganizados, mutáveis ao longo do tempo.

Existem reações que podem variar desde o fundamentalismo ou anacronismo ou busca de identidade única que acreditamos ser o caso da ADs, mesmo com seus defeitos e atrasos visto que podem e estão melhorando.

Assim as manutenções de suas tradições não vão ser fáceis, muito menos a perda delas. A modernidade para o Assembleiano se constitui em uma crise e a rígida manutenção dos seus valores é uma reação a isso, uma forma de proteger-se contra algo desconhecido que são os valores contemporâneos. Desse modo procura uma forma de ser e agir no mundo, que por vezes pode ser retrógrada, mas consistente com uma identidade em formação. Sua identidade é ligada a sua convicção religiosa de santidade, a qual entende ser separação do mundo. Seu modo de ser e sua identidade constituem-se em santidade a qual argumenta ser separação do mundo e dos desejos do mundo.

É certo que com acesso aos meios de educação de qualidade o povo brasileiro, assim como os Assembleianos podem a vir mudar radicalmente de ideia sobre as conquistas de direitos humanos que quiçá possam ser influenciados por alguns pastores militantes. Porém assim como esses direitos-assuntos dividem opiniões dentro da sociedade Brasileira, assim também o é entre o meio Assembleiano. A opinião nunca é, unânime e entre jovens Assembleianos, com mais acesso a estudo as opiniões já se encontram radicalmente contra o discurso apresentado na mídia.

Recebido em: 26 de abril de 2017.

Aprovado em: 05 de dezembro de 2017.

Referências

ALENCAR, G. F. de. **Pentecostalismo Hitech: uma janela aberta, algumas portas fechadas.** História Agora, São Paulo, v. 1 (Religiões e Religiosidades), p. 428-453, fev. 2009.

_____. **Assembleia de Deus: origem, implantação e militância** (1911-1946). São. Paulo: Arte Editorial, 2010.

_____. Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleia de Deus. 1911-2011. Novos diálogos, 2013.

_____. **Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira.** São Paulo: Arte Editorial, 2005.

ALMEIDA, Joede Braga de. **O Sagrado e o profano: construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembléias de Deus no Brasil.** Dissertação de mestrado em ciências da religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo: Mackenzie, 2007, 119 p.

ARAUJO, Isael. **Dicionário do movimento pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BRANDÃO, Carlo Rodrigues. **Crença e Identidade: campo religioso e mudança cultural.** In: SANCHIS, Pierre. Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultura. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a Religião popular.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMPOS JR, L. C.(2012) **As relações comunicação e religião: rádio e tv como meio para a expressão do neopentecostalismo.** Anais do VII Ecclesio-com, v. 1, p. 1, 2012. disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1Ecclesio-com%202012/Trabalhos/20.As%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20entre%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20Religi%C3%A3oLuis%20J%C3%BAnior.pdf> acesso em: 13/dez/2012.

CAMPOS JR, Luis de Castro (1995). **Pentecostalismo: sentido da palavra divina**. São Paulo, SP: Editora Ática.

CAMPOS MACHADO, Maria das Dores, **Carismáticos e pentecostais, Adesão Religiosa na Esfera Familiar**, Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS) da ANPOCS, Rev. bras. Ci. Soc. v. 09. n. 36 São Paulo. Fev. 1996.

CAMPOS, Bernardo. **Da Reforma protestante à pentecostalidade da igreja**. São Leopoldo: Sinodal, Quito: CLAI, 2002.

CAMPOS, Leonildo Silveira (1996) **Protestantismo Histórico e Pentecostalismo no Brasil: Aproximações e Conflitos**. In: GUTIERREZ, B.; CAMPOS, L. S. (Editores) Na força do espírito: o pentecostalismo na América Latina: um desafio às igrejas históricas. SP: Associação Literária Pendão Real, 1996, p. 105.

CAMPOS, Leonildo Silveira (2002). **As mutações do campo religioso**. In: Caminhando, vol. 7, n. 1 [9], 2002, p. 97-109 [Edição on-line, 2009] disponível em: http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/34368_4381.PDF acesso em 06/dez/2012.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro**: observações sobre uma relação ainda pouca avaliada. Revista USP, nº 67 (set.-nov. 2005), p. 100-115.

CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim. (Ed.). **Na força do espírito – os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas**. Trad. Júlio Zabetiero. São Paulo: Pendão Real, 1996.

CASSIRER, Ernst, **Antropologia Filosófica**, 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977, p. 328.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**, Rio de Janeiro-RJ: CPAD. 2011.

CORTEN, A., (1996). **Os pobres e o Espírito Santo; o pentecostalismo no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes.

CPAD – (2011) **lições bíblicas – estudo sobre a verdadeira prosperidade**. Out-dez 2011 Comentários bíblicos de pastor Leonardo Bibiano. Autoria de lições CPAD.

CPADNews (2012) Jornal das casas publicadoras das Assembleias de Deus – números da AD. **Brasil não será mais católico**. disponível em: <http://www.cpad-news.com.br/integra.php?s=25&i=13601>- acesso em 06/dez/2012, publicado em 02/07/2012.

CUNHA, Magali do Nascimento. (), **A explosão Gospel, um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**, RJ-RJ, Mauad editora. 2007.

DANIEL, Silas. Et al. **História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 391.

DELUMEAU, Jean. **La peur e Occident**. Paris: Fayard, 1978.

FERRETI G. (1982). **Max Scheler, fenomenologia e antropologia personalística**, Vita e pensiero, Milão, 1972, Trad. EDUSP.

HINKELAMMERT, Franz J. **Hacia una crítica de la razón mítica: el labirinto de la modernidade**. México: Editorial Driada, 2008.

IBGE-2010, **Dados estatísticos sobre religião no Brasil**, ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf.

MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial: O homem unidimensional**. (Tradução de Giasone Rebuá). 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo, SP: Loyola. 1999.

MARIANO, Ricardo. (2004), Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados de religião**. vol.18, n. 52, pp. 121-138. ISSN 0103-4014.

MARIN, Jéri Roberto, A Assembleia de Deus nos anos de 1990: a “Década da Colheita”, **Revista Horizonte** – PUC-Minas, Dossiê: Religião, Mercado e Mídia – Artigo original, Belo Horizonte, v. 12, n. 34, p. 436-464, abr./jun. 2014.

MARTINS, José de Souza. **A aparição do demônio na fábrica**: origens sociais do Eu dividido no subúrbio. São Paulo: Ed. 34, 2008.

PASSOS, João Décio. **Movimentos do Espírito: Matrizes, afinidades e territórios pentecostais**. Paulinas: São Paulo, 2005.

PASSOS, João Décio. Teogonias Urbanas: os pentecostais na passagem do rural ao urbano. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 14, n. 4, Oct. 2000. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000400014&lng=en&nrm=i-so>. acesso em 31/08/2014.

PORTELLA, Rodrigo. **Pentecostalismo clássico e valores de autonomia: sobre o poder simbólico das representações pentecostais**. Revista Eletrônica Espaço Teológico, v. 6, p. 03-15, 2012.

PRADO Jr., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 23 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RIVERA, Paulo Barrera, (2002) **Desencantamento do Mundo e Declínio dos Compromissos Religiosos. A Transformação Religiosa Antes da Pós-Modernidade** Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 4, n. 4, p.87-104, out 2002.

ROLIM, Francisco C. (1987) **O Que É Pentecostalismo**, Editora Brasilense, São Paulo, SP.

ROLIM. F.C. **Pentecostais no Brasil: Uma Interpretação Sócio-Religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROMEIRO, Paulo. (1994), **Evangélicos em Crise Decadência Doutrinaria na Igreja Brasileira**, São Paulo: Ed. Mundo Cristão.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice. O social e o político na transição pós-moderna**. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos, (2008). **Análise dos ministérios da igreja assembleia de Deus e a sua lógica de funcionamento**, Tese de doutorado em ciências da Religião, PUC-SP, orientador, Dr. João Décio Passos. data da defesa. 11/abr/2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. 17. ed., Rio de Janeiro: Record, 2008.

WESTHELE, Vítor. In: **Teologia sob limite**. São Paulo, ASTE, 1992, artigo: Teologia e Pós-modernidade, pp. 143-166, organizador Jaci Maraschin.

WESTHELLE, Vitor (2008) - **Traumas e Opções: Teologia e a Crise Da Modernidade**, publicações do centro de estudos anglicanos, disponível em http://www.centroestudosanglicanos.com.br/bancodetextos/diversos/teologia_crise_modernidade_vitor.pdf, publicado em 14/out/2008, consultado em 30/mar/2013.

WESTHELLE, Vitor. **Outros saberes: Teologia e ciência na modernidade**. In: Estudos Teológicos 3(1995), 258-278. ◀